

Memórias e experiências do fazer-se leitor: as trajetórias de leitura de leitores da Biblioteca Pública Municipal de Serra Alta - Assir Ghidini¹

Elison Antonio Paim²

Resumo: Esta comunicação apresenta resultados da pesquisa vinculada ao projeto matricial *Mediação e formação de leitores*, realizada em bibliotecas universitária, escolares e públicas municipais. Objetivou compreender como se constituem e quais são os papéis dos mediadores na formação de leitores. A Biblioteca Pública Municipal de Serra Alta - Assir Ghidini foi criada em 14 de Agosto de 1990. Possui mais de 5.000 volumes. É vinculada a Secretária Municipal de Educação. A partir dos registros da biblioteca, buscamos construir a memória de formação de 10 leitores assíduos dessa biblioteca para entender: Quais os mediadores de leitura e que estratégias de mediação contribuíram para o fazer-se leitor? Este projeto procura entender os modos como os mediadores propõem e pensam a formação de leitores com o objetivo de encontrar novas possibilidades para efetivar a mediação entre textos e leitores. O roteiro da entrevista e as categorias de análise consideraram: a trajetória de formação de cada leitor, conceito de leitura, o papel atribuído à literatura, o papel dos mediadores, as estratégias de mediação. Pauto-me no pensamento de Edward Thompson, Walter Benjamin, Michele Petit, Tzvetan Todorov. O processo de fazer-se leitor esteve acompanhado de saberes para além do ato de ler, ou seja, o incentivo sempre esteve presente nos professores ou na família.

Palavras-chave: Memórias e experiências, Mediadores, Fazer-se Leitores.

Leitura tem a ver com o segredo, com a noite, com o amor e a dissolução da identidade. Ela pede o mesmo pudor que o amor.
(Michéle Petit)

Considerando ações importantes, como a criação em 1981 da Associação de Leitura do Brasil (ALB), a edição da revista *Leitura: Teoria e Prática*, a realização bianual do Congresso de Leitura do Brasil (COLE), a edição do livro *Formação da Leitura no Brasil* (1996), de Marisa Lajolo e Regina Zilberman, dentre muitas outras que visam à formação de leitores e à disseminação de pesquisas, e ações na área da leitura nas últimas décadas, percebemos que muitas delas enfatizam, de modo geral, a falta da leitura. Nesse sentido, a ênfase na mediação para a formação de leitores ainda é pouco destacada nas múltiplas ações empreendidas com a finalidade de aumentar o número de leitores em nosso país.

¹ A pesquisa foi desenvolvida no momento em que eu trabalhava na Universitária Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó) e contamos com várias modalidades de financiamento daquela universidade e do artigo 170 da constituição do estado de Santa Catarina. Na referida pesquisa, contei com a parceria muito profícua do professor de Literatura, Valdir Prigol – atualmente professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus de Chapecó. Nesse projeto associado, trabalhou conosco como bolsista de iniciação Científica o acadêmico do curso de História, Alisson Domingos Prior. Agradeço a ambos pela possibilidade de parceria.

² Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Mestrado Profissional em Ensino de História (Proffhistória/UFSC) e de Estágio Supervisionado em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Desde 2008, desenvolvemos, na Universidade Comunitária da Região de Chapecó, o projeto de pesquisa de longa duração “Mediação e Formação de Leitores”. Referido projeto tem o escopo de analisar os modos como os mediadores propõem e pensam a formação de leitores, a fim de encontrar novas possibilidades para efetivar a mediação entre textos e leitores. Tomando por base o projeto matricial, desenvolvemos vários projetos associados, e, em cada um deles, buscamos leitores em bibliotecas escolares, universitárias e públicas municipais.

Notamos que, boa parte, as instituições preocupadas em formar leitores age isoladamente ou apresentam fragilidades no modo como pensam e encaminham as suas atuações. É nesse panorama que se inscreve nossa pesquisa, porque acreditamos que é preciso um trabalho permanente de análise das políticas de leitura e de formação de leitores para que seja possível avaliar os seus resultados e propor novos modos de atuação.

A singularidade do texto literário parece residir nas possibilidades que ele oferece ao leitor de fazer experiência com as questões colocadas em jogo. Essa dimensão leva-nos a pensar que o leitor, quando lê um texto literário, tem a possibilidade de fazer experiência com outras vidas, com outros modos de entender o mundo, que de outra forma não lhe seria possível.

Esse modo de pensar a leitura como experiência com o outro aparece também, com toda a força, no livro *Os jovens e a leitura*, de Michèle Petit, que, com base em pesquisas com leitores que moram no campo e jovens moradores na periferia da França, mostra como a possibilidade de fazer experiência com o outro é a dimensão fundamental da leitura. De acordo com os jovens que Petit entrevistou, fazendo eco às palavras de Castro Rocha (1999), esse encontro com o outro, essa possibilidade de experiência com o outro, permite ao leitor construir-se a si próprio. Ou, em outras palavras, a leitura parece permeada pela ideia de experiência e de encontro com o outro.

A impossibilidade de ter experiência, percebida por autores como Benjamin, Lertész e Agamben, está marcada pela “sensación de no haber vivido la própria vida, la sensación de no haber tenido uma vida propria, uma vida a la que se pueda llamar mia, uma vida de la que nos podamos apropiar” (LARROSA, 2008, p. 8).

Quando Benjamin diz que os soldados enviados para a primeira guerra, transportados á frente de batalha, “voltaram mudos e cansados”, percebem que a impossibilidade da experiência como conhecimento está associada à ideia de que vivemos a vida de outro, que

não vivemos nossa vida. Por outro lado, Giorgio Agamben nos mostra, em *Infância e história*, que não é preciso uma guerra para perceber a impossibilidade de ter experiência. A vida cotidiana das cidades na contemporaneidade já evidencia essa impossibilidade, ao voltarmos para casa cansados e mudos depois de um dia de trabalho. Não conseguimos transformar o que vivemos em experiência.

A etimologia da palavra experiência aponta para a ideia de travessia por um território desconhecido sem guia, sem mapa e, ao mesmo tempo, a narrativa dessa travessia. Dessa forma, podemos pensar que a literatura é o lugar por excelência da possibilidade de fazer experiência com o outro para tomarmos consciência de nós mesmos.

A experiência é, antes de tudo, experiência com a linguagem. Por isso, o autor fala da experiência muda e da experiência falante. Em outras palavras, a experiência com o outro que o texto literário nos permite é a possibilidade de passar da experiência muda para a experiência falante, isto é, de narrar a sua vida, de narrar-se. Assim, também, pode-se falar que a literatura é fundamental para pensar a leitura, porque ela permite que o leitor leia-se a si mesmo a partir da leitura do outro.

Ao considerar os leitores como sujeitos do processo de seu fazer-se, dialogamos com Benjamin sobre o que a modernidade capitalista fez com a experiência vivida. Segundo o autor (1986, p. 115)

sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre foi comunicada aos jovens. De forma concisa, com autoridade da velhice, em provérbios, de forma prolixa, com a loquacidade, em histórias; muitas vezes com narrativas de países longínquos, diante da lareira, contados a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração a geração? Quem é ajudado hoje por um objeto oportuno? Quem tentará sequer lidar com a juventude invocando sua experiência?

Em diálogo com Benjamin, Jorge Larrosa apresenta uma série de ponderações referentes à experiência e de como a modernidade privou os sujeitos modernos de viverem experiências por causa do “excesso de informações”. As informações não deixam lugar para a experiência; ao mesmo tempo o excesso de opinião é impeditivo das experiências; a falta de tempo impede os sujeitos de ter experiências e, igualmente, de ter memória; o excesso de trabalho também impede a experiência. Conforme Larrosa (2002, p. 27), “a experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida”.

A narrativa como forma artesanal de comunicação que precisa ser recuperada – não como foi um dia e sim na rememoração – a fim de que, então, as pessoas voltem a transmitir suas experiências por meio das narrativas ao construírem rememorações. Segundo Benjamin (1994, p. 205),

se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica.

Por sua vez, Galzerani amplia a discussão, ao dialogar com Benjamin, sugerindo que ele faz a articulação entre memória e narrativa. Conforme a autora (2004, p. 296), a narrativa é

concebida como transmissão de experiências entre gerações, fundada na circulação coletiva de tradições, de sensibilidades, na acepção plural de verdade, na relação do narrado como o vivido, na dimensão mais ampla de sujeito, de ser humano (portador de consciência e inconsciência), e, sobretudo, na recuperação da temporalidade. Neste sentido, para Benjamin a narrativa não existe sem a memória, não existe sem a vinculação com os hiatos do tempo. Por sua vez, a recuperação da memória benjaminiana pressupõe a narrativa das experiências vividas entre diferentes gerações.

Thompson (1981, p. 296) criou uma polêmica, sobretudo com Althusser e o marxismo estruturalista, ao propor pensar a sociedade por meio das experiências que, conforme afirma, não são apenas a superestrutura da sociedade, pois, “homens e mulheres experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades”.

As questões levantadas por Benjamin e Thompson são fundamentais para que possamos discutir a formação de leitores junto com leitores e mediadores, levando-se em consideração o que o leitor pensa, como vive, quais experiências tem para contar, qual a relação que faz entre teorias e práticas cotidianas.

A construção, o fazer-se leitor se dá num processo relacional, ou seja, constrói-se na interação com os outros, isto é, com os professores universitários, os colegas de trabalho, os alunos, com os autores dos livros, com a comunidade escolar, na troca de experiências e no diálogo constante. Esse processo, portanto, dá-se de maneira social e nunca individual; e, em sendo social, não pode ser homogêneo.

Proponho, pois, pensar a experiência na sua dimensão de totalidade, para além do científico e racional, porque, como Benjamin defende, é preciso “escovar a história a contrapelo”, trazer para ela o insignificante, o miúdo, o relegado.

Se a leitura de obras literárias em suas múltiplas dimensões traz todas essas possibilidades, podemos nos perguntar por que a distância entre textos e leitores ainda é tão grande. Como sempre, existem muitos fatores para que essa dimensão da literatura não informe as práticas de profissionais que direta ou indiretamente trabalham com a leitura. Um deles parece associado ao esquecimento de uma dimensão fundamental que está na base do trabalho de profissionais, como professores, livreiros, bibliotecários, jornalistas, críticos, editoras, contadores de histórias: a da mediação.

O que notamos é que, após a verificação da formação lenta e inconclusa do leitor brasileiro e das discussões sobre o lugar da literatura na contemporaneidade, surge, a partir do final dos anos de 1990, a percepção da figura do mediador como fundamental para a formação de leitores. Nesse sentido, partimos da ideia de que “mediar leitura é fazer fluir a indicação ou o próprio material de leitura até o destinatário-alvo, eficiente e eficazmente, formando leitores” (BARROS, ano, p. 17).

Uma pesquisa fundamental para a percepção da importância da figura do mediador de leitura é “Os jovens e a leitura”, de Michèle Petit. A autora trabalhou com camponeses e jovens filhos de imigrantes que moram nas periferias na França. Com base na percepção de que os jovens e os camponeses pensam da leitura como uma possibilidade de fazer experiência com o outro como uma forma de pensarem-se a si mesmos, ela estuda o modo como esses leitores foram aproximados da leitura. E aí entra a figura do mediador.

O que chama a atenção de Petit é que as escolas e as bibliotecas normalmente são vistas pelos jovens como instituições que os afastam da leitura. Porém, dentro dessas instituições, alguns professores e alguns bibliotecários tornaram-se referências fundamentais para os futuros leitores, pelo modo como se assumiram como mediadores, pela percepção das possibilidades que viam em cada leitor. Reitera a autora, em muitos trechos, que a mediação possibilitou a esses jovens a percepção de que há outras possibilidades para pensar a vida, por intermédio de “encontros singulares com textos” que permitiram a eles refazer suas rotas, deslocar seus modos de perceber o mundo, enfim, tirar um tempo para si mesmos por meio da experiência com o outro, introduzindo um pouco de “jogo” na “hierarquia social”.

E é a partir das pesquisas que Petit (2008, p. 175) propõe um modo de pensar o mediador de leitura:

O iniciador aos livros é aquele ou aquela que pode legitimar um desejo de ler que não está muito seguro de si. Aquele ou aquela que ajuda a ultrapassar os umbrais em diferentes momentos do percurso. Seja profissional ou voluntário, é também aquele ou aquela que acompanha o leitor no momento, por vezes tão difícil, da escolha do livro. Aquele que dá a oportunidade de fazer descobertas, possibilitando-lhe mobilidade nos acervos e oferecendo conselhos eventuais sem pender para uma mediação de tipo pedagógico.

Assim, o mediador exerce um papel fundamental de aproximação, com base em diferentes estratégias, entre os desejos do leitor e os desejos colocados em cada livro.

Outro aspecto fundamental da mediação, como tem reiterado Anne-Marie Chartier (2008, p. 2), é o da produção de um outro tempo:

Na mediação da leitura, entra-se em um domínio em que o capricho e o prazer imediato não funcionam. Entra-se no campo de um prazer que se constrói na lentidão. E ainda que não possa ensinar o prazer, pode-se partilhá-lo, aceitando a lentidão. Muitos jovens professores parecem ter pudor de ler com entusiasmo para as crianças e fazer com que elas sintam que o livro deve ser ótimo, porque o professor expressa emoções fortes através da leitura. É por identificação com este leitor magistral que é o professor que começa a sentir as emoções do livro que, mais tarde, vou reviver na releitura como adulto.

Vemos aí que a percepção do trabalho destes profissionais – professores, bibliotecários, contadores de histórias –, como mediadores, pode alterar a percepção da própria atividade. Por exemplo: parece óbvio que um objetivo fundamental que poderia permear todas as séries da Educação Básica (e também o de graduação) é o de formar leitores. Contudo, se olharmos os planos de ensino e as nossas práticas talvez percebamos que o que consideramos fundamental pode passar longe do modo como executamos nossas atividades.

Nesse sentido, João Cezar de Castro Rocha, tem proposto a noção de “esquizofrenia produtiva” em que o professor e o crítico, além de escreverem textos acadêmicos a respeito de livros para publicarem em revistas especializadas (propondo novas teorias), devem produzir textos e aulas que façam a mediação entre os leitores e livros a serem lidos. Ele tem realizado experiências interessantíssimas nessa direção. Uma delas foi uma coluna no caderno *Idéias* no Jornal do Brasil em que semanalmente escrevia um pequeno texto sobre um clássico da literatura brasileira, apresentando-o de um modo que gerasse no leitor a vontade de procurar o livro.

Michèle Petit, ao falar das práticas de leitura, evoca uma imagem que mostra a maneira como a leitura aparece em nossas sociedades. Como ela diz: “[...] mas para se entregar à leitura é necessário deixar o grupo sempre nas pontas dos pés” (2008, p. 106). De fato, apesar de tudo, a leitura ainda é vista pela dimensão do ócio, do não trabalho, da fuga e, talvez aí, para alterar essas imagens e pensar de outro modo a formação do leitor, venha se desenhando a figura do mediador de leitura.

Nessa direção, em 2008, construímos o projeto de longa duração e, em torno dele, trabalhamos com projetos associados. O foco desses projetos e que nos pareceu o mais indicado para entender a questão da mediação foi trabalhar com os bons leitores das bibliotecas públicas, escolares e universitárias. Essa opção metodológica é ressaltada no trabalho de Michele Petit. Como ela, percebemos que, nas últimas décadas, se insistiu nas pesquisas em relação à não leitura. Isso foi importante, no entanto, não produziu novos modos de formação de leitores. Por isso, a decisão de trabalhar com os bons leitores, isto é, aqueles leitores que frequentam as bibliotecas em busca de livros que não estão ligados a tarefas escolares, mas pelo prazer da leitura.

As bibliotecas, especialmente as escolares, ainda são espaços privilegiados da presença de leitores em busca de livros, para realizar trabalhos escolares, para uma consulta, para deleite e para pensar suas vidas. Como lugar de trocas, é um espaço de interação entre leitores, bibliotecários e professores. Os projetos associados pesquisaram as seguintes bibliotecas: a biblioteca da Unochapecó, a biblioteca pública das cidades de Chapecó, Caibi, Serra Alta, Modelo e Pinhalzinho, e as bibliotecas de duas escolas estaduais de Chapecó.

O objetivo geral dos referidos projetos era o de analisar o papel dos mediadores e as estratégias utilizadas na formação de leitores assíduos de leitura que frequentam as bibliotecas para o uso e a construção de novas estratégias para a formação do leitor.

Para a pesquisa, selecionamos, com a ajuda dos bibliotecários (seus registros e contatos), dez leitores que frequentavam assiduamente a biblioteca, com os quais realizamos entrevistas semiestruturadas. O roteiro da entrevista e as categorias de análise levaram em conta os seguintes aspectos: o livro que marcou a vida do leitor³, a trajetória de formação de cada leitor, o conceito de leitura, o papel atribuído à literatura, o papel dos mediadores, as estratégias de mediação.

³ No entanto, neste texto não trabalharemos com todas as questões respondidas pelos depoentes.

Nos encontros semanais dos coordenadores do projeto e nos encontros com os bolsistas, realizamos leituras de textos fundamentais para a compreensão do papel do mediador na formação de leitores: *A formação da leitura no Brasil*, de Regina Zilberman e Marisa Lajolo; *Os jovens e a leitura*, de Michele Petit; *A literatura em Perigo*, de Tzvetan Todorov; *Infância em Berlim*, *O narrador e Experiência e Pobreza*, de Walter Benjamin; *O termo ausente: a experiência*, de Edward Thompson. Em paralelo, os bolsistas realizaram visitas às bibliotecas. Referidas visitas mostraram-se frutíferas por conta da observação dos leitores e da organização das bibliotecas. Percebeu-se uma quantidade satisfatória/relevante de bons leitores em cada biblioteca; por outro lado, verificou-se, ainda, certo descaso nas bibliotecas públicas municipais e escolares: poucas aquisições de novos títulos, pessoal sem formação específica, inexistência de diálogo das coordenações das bibliotecas com os leitores em relação a temas preferidos.

Como trabalhamos com as memórias de leitura, pensando nelas o papel do mediador e suas estratégias, uma atividade que se mostrou muita produtiva foi a produção de memoriais de leitura por parte dos bolsistas e dos coordenadores. Fez-se o gesto que procuramos perceber em outros. E, nesses memoriais, percebemos que a formação de um leitor está umbilicalmente ligada à existência de mediadores que o aproximam dos livros e da vida.

Os relatos apresentados a seguir mostram as trajetórias dos sujeitos leitores do município de Serra Alta - SC no final do século XX, quando foi criada a biblioteca municipal Assir Ghidini. É importante compreender o início de como ocorre o processo do gosto pela leitura e o incentivo dos professores, pais e até mesmo próprio dos leitores frequentadores da biblioteca.

Foram entrevistados, utilizando-nos dos registros da biblioteca pública Municipal de Serra Alta – Assir Ghidini, dez maiores leitores e leitoras residentes do próprio município tanto na zona rural quanto na zona urbana.

Luiza Ghidini Teodoro⁴, de 13 anos de idade, é considerada, pelos registros da biblioteca, uma excelente leitora e estuda na 8º série na Escola de Educação Básica La Salle. Reside no perímetro urbano com seus pais e relata que o gosto pela leitura teve a influência dos mediadores: “Sei lá, eu acho que levei muito a sério a influência dos professores sobre ler e acabei aqui [...] Bom! Normalmente eles pedem que você leia por causa que isso tem muito

conhecimento, ajuda muito, te dá um olhar totalmente diferente das outras coisas e abrange vários assuntos”.

Roseli Marim de Carli reside no município há seis anos, no perímetro urbano, tem um filho, é dona de casa, estudou até o segundo grau e sua idade é de 26 anos. Sua trajetória como leitora começou desde a infância, como ela nos relatou:

De 5ª a 8ª série que eu comecei a ler mais. Daí eu lia bastante aventura e romance. No segundo grau, eu lia bastante literatura, depois disso veio a minha gestação, aí, eu li livros de gravidez, de educação de país e filhos, como educar filhos, depois comecei a ler livros infantis, por que aí o Rodrigo era pequeno: e, agora, eu gosto de ler todos os livros, assim ocupo o tempo, me faz sentir bem.

Vanuza Prior é residente no espaço urbano, e sua história como leitora é descrita como de muita superação própria e com muita ajuda de um professor. Em sua infância, até seus 12 anos de idade, Vanuza era taxada como uma aluna boba, ou seja, sofria como pessoa por não saber ler e escrever. Até encontrar um professor chamado Leonir Werlang, que lhe deu aquela sacudida e disse: “Vanuza você não é boba, você é capaz”. Depois disso, os primeiros passos iniciaram-se, as primeiras leituras foram feitas e tudo mudou. Mais tarde descobriu que suas dificuldades com a leitura eram em virtude da dislexia.

Carlos Carniel é um jovem reconhecido pelos professores da Escola de Educação Básica La Salle, apresentado por ter um enorme gosto pela leitura de várias áreas do conhecimento e ter resultado desse gosto a aprovação em todos os seis vestibulares que realizou. O gosto pela leitura, como narrou, é próprio, sem ter havido o trabalho mais direcionado de algum mediador. Assim diz ele: “Eu comecei a ler ou a gostar quando comecei a ler gibi, aí eu passei para livros e foi com isso, por que eu lia gibi sempre”.

Gabriela Prior é outra universitária com uma história semelhante à de Carlos. Ela é considerada mais uma das dez maiores leitoras do município de Serra Alta. No momento da entrevista, estava cursando a graduação em Letras na Universidade Federal da Fronteira Sul. Segunda ela, o gosto pela leitura é próprio, sempre gostou de ler; desde pequena adorava ler histórias infantis e sempre teve o hábito de ir à biblioteca para ler. No que diz respeito à participação de um professor nesse gosto pela leitura, a entrevistada destacou a professora

⁴ Usamos o nome e outros dados que identificam os sujeitos de pesquisa com o consentimento deles conforme expresso em Termos de Consentimento Livre e Esclarecidos assinados pelos próprios sujeitos ou por seus pais quando os participantes eram crianças e/ou adolescentes.

Lúcia Strapazzon desde a 5^o série, pois “ela é professora de português, então a cobrança mesmo era dela. Mas não era uma espécie de cobrança, era um incentivo mesmo”.

Vanessa Martinelli, com 18 anos de idade, estava fazendo cursinho pré-vestibular, morava na cidade com seus pais, na época desta pesquisa. Sua trajetória como leitora ocorreu com mais frequência pela atuação de sua mãe – uma educadora. Segundo a entrevistada, sua mãe influenciou no gosto pela leitura sempre quando ocorria alguma dúvida, ou sempre procurava ajudar no trabalho, na escola, e no cursinho, enfim, sempre esteve apoiando-a.

Taniqueli Francio descreve que o gosto pela leitura deu-se quando leu o livro de Pedro Bandeira, Dinossauro que fazia Au, Au! Depois dessa leitura quem mais acendeu seu gosto foi a professora de português, Lucia Strapazzon, como ela própria nos contou:

numa dessas aulas lendo um livro, eu comecei a me identificar com o garoto, como eu não tinha irmão ou cachorro, isso caracterizou-se muito mais com a história. E nisso, eu comecei a me identificar com a leitura. Depois eu contei para a professora e ela começou a incentivar a ler cada vez mais sendo que toda aula ela indicava um livro diferente ou coisa assim.

Andressa Bertoldi de 17 anos de idade, aluna da Escola de Educação Básica La Salle, estava concluindo o ensino médio e fazendo cursinho pré-vestibular. O tornar-se leitora ocorreu da seguinte forma: “bom comigo foi através do incentivo dos meus pais e a cobrança dos professores. A partir disso, fui habituando por obras de romance, aventura coisas assim”.

As outras duas entrevistadas residentes no município de Serra Alta são constituintes de uma única família, ou seja, são mãe e filha. Noeli Santoro tem 48 anos é bibliotecária da biblioteca Municipal Assir Ghidini, é mãe de dois filhos, estando sua filha cotada como uma grande leitora e exerce a profissão de professora de Educação Física, seu nome é Tais Santoro da Costa. Noeli é professora de Pedagogia e assim se pronunciou quando entrevistada: “tenho bastante orgulho da vida que levo, gosto muito do que eu faço e acho que se estou trabalhando na biblioteca é porque me identifico talvez com esse lugar e por saber que a biblioteca é um espaço onde nós buscamos a alegria, descontração e informação”: ou ainda pela “informação, pelo conhecimento. Eu sou bastante curiosa, gosto de ler muitos livros que ajudam-me na autoestima, sempre procuro ler livros que ajudam-me na minha vivência, um exemplo de vida”. Já, sua filha Tais direciona o gosto pela leitura e a opção pela profissão por espelhar-se na mãe. O prazer pela leitura é assim explicado por ela: “interesse que tive na minha área de Educação Física, e um pouco do incentivo que tive na leitura foi pelo fato de minha mãe ser a

bibliotecária e, desde que ela está trabalhando lá, toda vez que eu ia lá, ela tinha um livro para me contar. A partir disso que me incentivei a buscar esse conhecimento”.

De acordo com as narrações, o relacionamento dos leitores é de extrema tranquilidade em relação aos livros procurados, no que se refere à estrutura da biblioteca municipal de Serra Alta, já que esta se encontra em um ótimo estado, possui em seu acervo num total de aproximadamente 10.000 volumes de livros. A motivação para o uso da biblioteca está relacionada à pesquisa escolar. Os temas pesquisados de modo geral são Filosofia, Psicologia, Ciências Sociais, Linguística, Literatura, Biografia, Tecnologia e Ciências Aplicadas.

A data de fundação é 14 de agosto de 1990, com o nome de Assir Ghidini; localiza-se na Rua 28 de Abril e é subordinada à secretária municipal de educação.

Outra entrevistada, Gabriela Prior, relata que antes de ir morar em Chapecó também sempre ia à biblioteca municipal: ela afirmou que “vivía lá. Acho que a Noeli enjoou de mim lá. Cada duas semanas eu devolvia livros e levava novamente, era uma rotina que nunca enjoava”.

Outro leitor, que procurou destacar a biblioteca como um ambiente apropriado no momento em que estudava para o vestibular é o Carlos. De acordo com ele, a biblioteca “está tudo ok, sempre eu fui lá, peguei os livros que eu quis, tive já alguns casos de não achar, mas aí pegava outros”.

Os leitores entrevistados relataram que, ao tornarem-se leitor, ocorreu um forte incentivo dos pais e dos professores. Eles exerceram grande participação, nesse processo. Segundo os entrevistados, esse papel desenvolveu-se em forma de cobrança e incentivo cada vez maior para se habituarem ir à biblioteca ler. Entretanto, essa participação ocorria com maior frequência por parte dos professores, em específico, os de português.

Da mesma maneira que os professores são responsáveis por parte da construção do conhecimento, os pais dos leitores são responsáveis e, em muitos dos casos, o espelho, os estimuladores, iniciando o hábito de ler na família. Dessa forma, constituindo sujeitos interessados nas mais diversas obras, frequentando a biblioteca pública de seu próprio município por possuir o gosto pela leitura.

A leitora Luiza contou o que pensa sobre o papel dos pais e professores no que diz respeito ao incentivo à leitura: “Eu acho que foi crucial. Acho que foi muito importante para mim, porque, se não, provavelmente eu não estaria lendo e não iria me interessar tão fácil pela

leitura”. Ela também relatou a maneira como a professora desenvolvia de forma didática a leitura: “Tinha as provas sobre os livros de leitura, que ultimamente andei fazendo, que é ler e realmente explicar o que você leu. Não tem cópia da introdução, cópia da bibliografia do autor”.

No entanto, o que se destaca são os métodos de ensino desenvolvidos na escola de uma forma tão rudimentar que na maior parte do tempo nem é percebida. São inúmeras tomadas de decisões que os docentes de ensino fundamental e ensino médio devem fazer priorizando os sujeitos.

De acordo com a entrevistada Noeli, o papel do professor na leitura é

fundamental, porque eu tenho assim uma experiência bem grande, porque a minha neta sempre trago ela aqui para a biblioteca e ela está com cinco anos e já está lendo, costuma pegar livros infantis, ou seja, ela própria já está se alfabetizando. Então, eu vejo assim, é importante o professor, o pai a mãe incentivar os sujeitos a ler.

Em outras palavras, todo mundo lê. Em qualquer idade, ler para ter acesso ao saber pode permitir que a pessoa mantenha o domínio sobre um mundo tão inconstante, sobretudo, por meio de diversos suportes de informações escrita. “A leitura permite estar a par de tudo e não parecer bobo diante dos outros... É preciso saber o que está acontecendo, senão parecemos bobos”, diz Taniqueli.

O mediador está incluso como um dos principais pilares na construção do conhecimento/histórico/cultural. Sendo assim, entende-se que o professor foi e é formado para homogeneizar, para transformar o diferente em igual, para ensinar, transmitir conhecimentos, orientar atitudes, procurando transformar em algo controlável o que não pode ser controlado. Tradicionalmente, a leitura é compreendida como tradução de palavras para a busca incessante do significado dado intencionalmente pelo autor, como garantia de uma unanimidade de interpretação. Em vista disso, nossas discussões em sala de aula problematizam a noção de sujeito, de linguagem para então compreender a leitura como gesto de interpretação, como um processo, como busca de significados.

Também se percebe a importância que o mediador exerce e suas estratégias utilizadas na docência pelo depoimento da leitora Andressa, sobre a influência da professora de português e como conduzia as aulas de leitura: Tive muita influência pela professora de Português, a Lucia Strapasson era sempre ela que indicava [...] Na verdade, desde o começo nós vamos na biblioteca municipal ou no próprio colégio e escolhíamos um livro, tínhamos

tantos dias para ler e depois tínhamos que apresentar. No ensino médio ela apresenta uma lista e você escolhe.

O fato de proporcionar a compreensão dos alunos para que eles busquem identificar-se na leitura, independentemente da forma com que o professor utiliza a leitura em sala de aula, pode-se dizer que o progresso nessa linha de pensamento faz com que, de alguma maneira, eles leiam e introduzam a leitura no seu mundo.

Taniquele falou sobre o que significa ler: “Para mim, ler significa poder acordar todo dia e dizer eu preciso continuar, por que têm dias que eu não estou legal, aí eu procuro na leitura esse sustento de ânimo, autoestima” e ainda “quantos livros eu leio durante um ano, eu não tenho noção exatamente, mas uns trinta livros”.

Segundo Vanuza, ler simboliza “conhecimento e conhecimento de diferentes espaços”. Foi perguntado à leitora caso fosse quantificar quantos livros aproximadamente ela consegue ler por ano ela assim respondeu:

À noite eu leio. Por volta de 24 horas até às 4 horas da manhã, todo dia. Hoje, então, até eu não acabar eu leio, às vezes, eu durmo de manhã e leio à noite, eu tenho insônia e tão incomodativa que a gente acaba nem dormindo. Por mês, eu diria uns dois. Pequenos não são os maiores. Já os mais de 300 páginas, eu levo em torno de dois meses. Até por que o livro que eu peguei agora uma amiga pediu se eu emprestaria aí eu falei então leva, aí ela me trouxe de novo, agora eu vou recomeçar de novo, porque era um livro que ela estava precisando e justamente falava de relacionamento e realmente ajudou ela em muito.

Andressa, que prioriza muito a leitura no seu dia a dia, explica que “sempre ajuda, ela ajuda na escrita, no vocabulário, na interação no conhecimento, são vários os aspectos [...] Leitura é essencial ela procura fazer parte na construção do sujeito. Aqueles que não gostem procurem na leitura deem uma chance a ela que irá valer a pena”. Sobre a quantidade de livros que ela lê em um ano é aproximadamente de quinze a vinte livros.

Perguntado para a leitora e professora Tais o que significa ler, ela respondeu: “Para mim significa o aprendizado porque ela ajudou e muito profissionalmente e pessoalmente, tanto na autoestima, como na carreira profissional”. Foi também feita a ela a pergunta sobre quantos livros em média consegue ler durante um ano e ela respondeu dizendo que “mm torno de 25 livros”.

Com base nas memórias e experiências do fazer-se leitor narrando a trajetórias de leitura de leitores da biblioteca pública municipal de Serra Alta, podemos concluir que o povo brasileiro não é aquilo que muitos acreditam, ou seja, “o povo brasileiro não lê”.

Baseando-nos nas experiências do cotidiano dos depoentes pode-se entender que o processo de fazer-se leitor esteve acompanhado de saberes além do querer ler, ou seja, o incentivo sempre esteve presente nos professores ou na família. A leitura, na maioria das vezes, vinha como forma obrigatória segundo os leitores, porém essa obrigação, mais tarde, torna-se um gostar, quando então os sujeitos leitores perceberam a transformação de um hábito criado desde infância como se fosse igual a escovar os dentes todos os dias.

Na forma de encaminhar os alunos para a leitura, podemos destacar várias situações marcantes na memória dos sujeitos entrevistados em que o papel do professor como mediador foi preponderante.

Destacamos algumas ideias expressas nas lembranças, que, no nosso entendimento, são fundamentais para que possamos pensar ações de trabalho como professores para a formação de novos leitores: a ternura e o carinho com que os professores dos depoentes trataram seus alunos para que despertassem para a leitura; o professor fazer junto, ou seja, ler junto com os alunos, dar o exemplo; apresentar o livro e a relação dele com a vida do estudante; evidenciou-se a necessidade de disponibilizar aos estudantes livros de diversos gêneros literários; conduzir os alunos até as bibliotecas das escolas e junto com eles escolher os livros; a necessidade de bibliotecas estruturadas fisicamente com espaços adequados a cada faixa etária e organizadas de forma agradável para que despertem nos alunos a vontade de lá ficar; o acesso direto aos livros é fundamental, a criança precisa manusear os livros e, assim, poder escolher o que ler; falar para os alunos que ler faz a diferença na vida, mesmo ler sem saber para quê, ou seja, sem ter uma finalidade específica; aulas cativantes em que os professores destacaram o que era importante, portanto, provocavam a vontade de buscar outros conhecimentos sobre o tema para além daquela aula; a aula como um momento para despertar a curiosidade e a busca de outras leituras além do trabalhado em sala de aula; com base nos depoimentos, evidencia-se a importância que os sujeitos pesquisados atribuíram aos professores em sua construção como leitores. Assim sendo, podemos afirmar que os professores juntamente com os pais são os mediadores de maior relevância para a construção de sujeitos leitores.

Visitar as memórias de diferentes sujeitos-leitores possibilitou-nos perceber como os mediadores de leitura têm desempenhado importante papel para tornar as práticas de construção de leitores mais conscientes e vinculadas com o vivido. Ao nos pautarmos nesses

depoimentos, esperamos que as experiências vividas não sejam mais o termo ausente e sim aquele que possibilita dar nova direção para a formação de leitores.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Lisboa: Cotovia, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2005.

BARROS, Maria Helena T. C.; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura**: Mediação e mediador. São Paulo, 2006.

BARTHES, Roland. **Aula**. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (obras escolhidas vol. 1).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira**. 8. ed. Rio de Janeiro; Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

CASTRO ROCHA, João Cezar de. **Crítica**: Retorno à literatura. Folha de S. Paulo, 28 nov. 2004. Mais!, p. 4.

CASTRO ROCHA, João Cezar de. A Formação da leitura no Brasil – esboço de releitura de Antonio Cândido. In: José Luis Jobim. (Org.). **Literatura e identidades**. Rio de Janeiro: UERJ, 1999, p. 57-70.

CHARTIER, Anne-Marie. A importância da escola na formação do leitor. Disponível em: <<http://www.redebrasil.tv.br/salto/entrevistas/am_chartier.htm>>. Acesso em: 17 set. 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**: O discurso competente e outras falas. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

DEPOIMENTO ORAL DE: Andressa Bertoldi, 29/05/2010.

DEPOIMENTO ORAL DE: Carlos Carniel, 15/05/2010.

DEPOIMENTO ORAL DE: Gabriela Prior, 15/05/2010.

DEPOIMENTO ORAL DE: Luiza Ghidini Teodoro, 29/03/2010.

DEPOIMENTO ORAL DE: Noeli Santoro, 02/06/2010.

DEPOIMENTO ORAL DE: Roseli Marim De Carli, 29/03/2010.

DEPOIMENTO ORAL DE: Taniqueli Francio, 15/05/2010.

DEPOIMENTO ORAL DE: Tais Santoro da Costa, 29/05/2010.

DEPOIMENTO ORAL DE: Vanuza Prior, 29/03/2010.

DEPOIMENTO ORAL DE: Vanessa Martineli, 15/05/2010.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. Memória, Histórias e (Re) Invenção Educacional: uma tessitura coletiva na escola pública. In: MENEZES, Maria Cristina (Org.). **Educação, Memória, História: possibilidades, leituras**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 287-330.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

LARROSA, Jorge. La experiência y sus lenguajes. Disponível em: < http://www.me.gov.ar/curriform/publica/oei_20031128/ponencia_larrosa.pdf >. Acesso em: 17 set. 2008.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.

THOMPSON, E. P. **A Miséria da Teoria** – ou um planetário de erros. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.